



Literatura afro-feminina brasileira: uma forma de combate ao silenciamento e ao racismo

por Fabiana dos Santos Sousa

RESUMO: O presente artigo faz uma abordagem do tema "De novas velhas escravaturas" a partir de um estudo da literatura afro-brasileira escrita por mulheres. A ideia é mostrar que as mulheres negras viveram – e vivem, visto que o preconceito racial ainda persiste em nossa sociedade, o que configura um legado do processo escravagista – por séculos sobre a escravidão do silenciamento e, através da literatura, elas vêm lutando e conquistando um espaço na literatura brasileira a partir do qual elas dão voz àquelas e àqueles que, por séculos, foram e continuam, mesmo que com menor intensidade, a ser emudecidos e invisibilizados da história, o que configura a persistência de novas velhas formas de escravatura. Através da arte literária, escritoras afro-brasileiras vêm "borrando" o discurso oficial quando narram, a partir da suas próprias óticas, a outra versão da história que foi "esquecida" pela ideologia dominante.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira; Mulheres negras; Combate ao silenciamento e racismo.

ABSTRACT: This article approaches the theme of "New Old Slavery" from a study of Afro-Brazilian literature written by women. The idea is to show that black women have lived - and live, since racial prejudice still persists in our society, which is a legacy of the slavery process - for centuries on the slavery of silencing and, through literature, they have been fighting and conquering a space in Brazilian literature from which they give voice to those who, for centuries, have been and continue, even to a lesser extent, being muted and invisible to history, and in this way, a new form of the old slavery is rendered. Through literary art, Afro-Brazilian writers have "blurred" the traditional and official speech when they narrate, from their own perspective, the other version of history that was "forgotten" by the dominant ideology.



PALAVRAS-CHAVE: Afro-Brazilian literature; Black women; Fighting against silencing and racism

Durante séculos as mulheres tiveram suas vozes silenciadas. Eram santas, quando obedientes ao que lhes foi e é imposto pelo sexo dominante – socialmente construído –, ou representavam o mal, quando subversivas a essa imposição. É o que afirma Mary Del Priore citando Michelet quando diz que

a mulher, só teria papel benéfico neste processo [histórico] se dentro do casamento e enquanto cumprindo o papel de mãe. Ao fugir da benfazeja esfera da vida privada ou, ao usurpar o poder político como faziam as adúlteras e as feiticeiras, elas tornavam-se um mal. (Del Priore 12)

Para as mulheres negras esse emudecimento foi e continua a ser mais cruel, pois foram invisibilizadas e representadas apenas como corpos criados para o trabalho ou para a atividade sexual, o que ainda acontece na atualidade, mesmo que com menor intensidade. E aliado a esse sistema, tem-se a ausência significativa de escritoras negras e o ocultamento de suas obras, provocando a invisibilidade também da sua escritura, o que representa, pode-se dizer, um epistemicídio e uma abolição inacabada. Mas elas lutaram e vêm lutando ao longo dos séculos, principalmente através da literatura, contra o silenciamento da sua produção cultural/literária e pelo fim, de fato, da abolição. Para tal, muitas vêm se tornando escritoras produtoras de uma literatura própria, pautada em sonhos de emancipação, liberdade, autonomia e pleno direito a uma alteridade positiva.

Considerando que é no espaço da literatura afro-brasileira que muitas escritoras negras têm atuado e se destacado nacional e internacionalmente como escritoras, é válido tecer algumas considerações acerca desta literatura a partir da ótica de alguns estudiosos da mesma.

SOBRE A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

No que concerne ao conceito, conforme Eduardo Assis Duarte (2014), pesquisador e professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e responsável pelo Portal Literafro, há uma dicotomia que envolve o termo literatura negra: de um lado, há os estudiosos que a defendem como aquela escrita pelo negro ou afrodescendente, relacionando-a à “cor do autor”; de outro, há os que consideram a cor da pele como o “menos importante”, como a escritora brasileira Benedita Gouveia Damasceno, embora ela reconheça que há diferenças entre a poesia negra escrita pelo afrodescendente e aquela escrita pelo branco. Concordando com Gouveia e tentando explicar o porquê de tais diferenças, pensa-se que a escrita está ligada às experiências, assim sendo, é impossível escritores negros e brancos escreverem do mesmo modo, uma vez que um e outro experienciam o mundo de formas muito diferentes. Por mais



que alguns brancos se solidarizem, estudem e defendam a causa negra, jamais vivenciam ou vivenciarão o racismo, por exemplo, da mesma maneira que os negros e isso se reflete nas suas escritas.

Para Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, escritor e poeta brasileiro contemporâneo e um dos fundadores da série de antologias *Cadernos Negros*, é preciso destacar a medida da relevância da “cor [assumida] do autor”, uma vez que “afro não implica necessariamente negro” (38). Este crítico diz que o prefixo “afro” comporta também os não negros como índios e mestiços, ou seja, pessoas que não passaram pela experiência de sofrer o preconceito racista e, conseqüentemente, não trazem no corpo a “identidade da herança africana” (38).

Para Luiza Lobo, escritora, tradutora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o conceito de literatura negra não inclui a produção de autores brancos, mas, concordando com o crítico inglês David Brookshaw, somente aquela “escrita por negros” (*apud* Duarte *conceito*). Em contraposição, Duarte afirma que não existe uma literatura cem por cento negra, visto que nem mesmo a África é única.

Já na visão de Octávio Ianni (2011), que foi sociólogo e professor brasileiro, a literatura negra é aquela que tem o negro como tema principal.

Nas considerações de Maria Nazareth Soares Fonseca, professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMinas) e aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),

na literatura dita negra ou afro-brasileira, as imagens do negro circulam com intenções que se marcam pela autoconscientização e pela imposição de ampliar o espaço de visibilidade dos negros e de seus descendentes, independentemente da cor da pele, do tipo de cabelo ou da carnadura do corpo. (Fonseca 266)

Segundo Eduardo Assis Duarte (2011), o conceito de literatura afro-brasileira se encontra em construção, mas é possível distinguir alguns elementos que o definem como tal: o primeiro deles é a temática, que deve ter os negros, sua cultura, história, religião e tradições como temas. O segundo é a autoria, que é bem complexa, pois implica considerar fatores biográficos ou fenotípicos, e há quem defenda uma literatura negra escrita por brancos, e, ainda, autores afrodescendentes que não reivindicam para si essa condição. O ponto de vista, terceiro elemento, é visto por Duarte como fator necessário para que a literatura seja aceite como afro-brasileira, devendo apresentar uma visão do mundo voltada para os valores morais, éticos e ideológicos que fundamentem a representação dos afrodescendentes, diferenciada da cultura dos brancos, superando qualquer modelo imposto pelos europeus e configurando-o com um discurso diferenciador. A linguagem é o quarto elemento destacado pelo autor, devendo esta apresentar, no discurso afro-brasileiro, expressões que denotem marcas linguísticas de proveniência africana. E, por último, vem o público, que se afirma afrodescendente e tem o escritor afro-brasileiro como porta-voz de uma determinada sociedade coletiva.

Frente às diversas concepções dos estudiosos da literatura afro-brasileira expostas anteriormente e atenta à afirmação de Cuti ao dizer que “afro não implica necessariamente negro” (38), algumas colocações vieram à tona: o que é ser negro/a?



O que é assumir-se como negro/a e como fazê-lo? Considera-se somente a cor da pele ou alguém de pele não negra é também negro? Ou o que vale são os traços físicos característicos dos/a negros/as como cabelo, nariz, lábios etc.? Pensa-se que é preciso considerar as características físicas, mas não se pode afirmar que isso somente seja suficiente, uma vez que a cultura também parece indispensável neste processo, pois “pessoas com características fenotípicas brancas, em função do seu envolvimento com a cultura negra, podem considerar-se negras” (Ferreira 49). Mas o que tem a ver a cor do autor com literatura? E diante da divergência percebida entre os estudiosos da literatura afro-brasileira, no que se refere ao conceito, é possível compreender o que é, de fato, a literatura afro-brasileira?

Tais questões são bem difíceis de responder, visto que, principalmente no caso do Brasil, onde a origem racial da população é mestiça, a cor somente não é suficiente para designar alguém como negro/a ou não, pois mesmo aqueles/as de pele escura não são totalmente negros/as e o mesmo serve para aqueles/as de pele não escura. Percebe-se que o ato de reconhecer-se como negro/a parece bastante complexo. A cor do autor se faz problemática no contexto literário, na medida em que vivemos em uma sociedade em que o racismo ainda permanece vivo no imaginário social, assim sendo, ela pode, talvez, significar muito na hora de “eleger” um texto como literário ou não, considerando as normas do cânone literário brasileiro.

Quanto à divergência de opiniões dos teóricos citados, pensa-se que isso se deve ao fato de o conceito está em elaboração, em construção, como colocou Assis Duarte. Diante da diversidade de aspectos relacionados ao termo negro e/ou afrodescendente, cogita-se que a literatura afro-brasileira está longe de ter um conceito único e definitivo, pois não se acredita que os pesquisadores chegarão a um consenso definidor quando nem mesmo a própria África, que dá origem ao termo “afro”, é singular. E, considerando o caráter multicultural e mestiço do Brasil, resultado do processo colonial que alicerça sua formação identitária, talvez isso não seja possível. Mas, ainda assim, acredita-se que a literatura afro-brasileira pode ser compreendida como aquela que está engajada com a causa negra brasileira, buscando apresentar o negro e sua cultura por outro viés, de cunho positivo, que contradiga aquele, negativo, apresentado pela cultura branca dominante.

A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA ESCRITA POR MULHERES NEGRAS: A LUTA CONTRA O RACISMO E O SILENCIAMENTO

No que se refere à literatura afro-brasileira escrita por mulheres negras, antes de apresentar concepções acerca da mesma é preciso entender como as mulheres negras vêm conquistando este espaço na sociedade brasileira.

Não é de hoje que as mulheres negras escrevem. Essa função já vem sendo exercida por elas há alguns séculos. O pesquisador Elio Ferreira de Souza em seu artigo *A carta da escrava ‘Esperança Garcia’ de Nazaré do Piauí: uma narrativa de testemunho precursora da literatura afro-brasileira* aponta que, ainda no período colonial, escravas já eram alfabetizadas, a exemplo, Esperança Garcia, do estado Piauí, Brasil, autora de



uma carta datada de 1770 através da qual denuncia os maus tratos sofridos por ela e a família e reclama por direitos ao Governador da Província do Piauí. A carta, segundo Souza,

é certamente um dos registros escritos mais antigos da escravidão no Brasil, escrito pelo próprio escravo negro, no nosso caso uma mulher negra e cativa, Esperança Garcia, o que confere à narrativa epistolar citada acima o *status* de uma escritura da gênese literária afro-brasileira (Souza).

Não se encontrou até o momento, nesta pesquisa, outro registro mais antigo que pudesse representar a escrita afro-brasileira de autoria feminina, o que nos permite ver Esperança Garcia como a primeira voz dessa literatura.

Eu Sou hua escrava de V.S. dadministração do
Cap^a m Ant^o Vieira de Couto, cazada. Desde que
o Cap^amp^a Lá foi adeministrar, q. me tirou da
fazd^a dos algodois, aonde vevia com meu marido,
para ser cozinheira da sua caza, onde nella
passo mt^o mal. A Primeira hé q. ha grandes trovadas de pancadas
em hum Filho meu sendo huã criança q. lhe
fez extrair sangue pella boca, em mim não poço
explicar q Sou hucolcham de pancadas, tanto
q cahyhuã vez do Sobrado abachopeiada;
por mezericordia de DsesCapei.
A segunda estou eu e mais minhas parceiras por
confeçar a tresannos.
E huã criança minha e duas mais por Batizar.
Pello q Peço a V.S. pello amor de Ds.
e do Seu ValimT^o
ponha aos olhos em mim
ordinando digo mandar a Porcurador
que mande p. a Fazd^a aonde elle me tirou
p^a eu viver com meu marido e Batizar minha Filha
de V.Sa. sua escrava
EspPeranCaGarcia (Souza)

O reconhecimento dado à carta como “uma escritura literária afro-brasileira” deve-se ao fato de apresentar elementos que condizem com os textos literários afro-brasileiros atuais, como o tema relacionado à escravidão, o fato de a autora escrever para requerer direitos e o de denunciar os abusos praticados por aquele que representa a coroa de Portugal no Piauí. Explicar como Esperança Garcia foi alfabetizada é muito difícil, uma vez que no período colonial brasileiro a escolarização não era permitida a escravizados/as. Porém, estes/as utilizaram-se de várias formas e circunstâncias para o letramento, como mostra Maria Helena Camara Bastos em seu artigo *A educação dos escravos e libertos no Brasil: vestígios esparsos do domínio do ler, escrever e contar (Séculos XVI a XIX)*: algumas escravas, as mucamas, por exemplo, acompanhavam as crianças de seus donos à escola, assim, tinham a chance de aprenderem ouvindo as lições delas (Karasch 2000); muitos donos de escravos, objetivando angariar um maior preço na venda dos escravos, ensinavam os filhos



destes; outro meio através das escolas privadas vocacionais que, embora não se possa afirmar que tais escolas ensinassem a ler e escrever, “é possível que alguns escravos alfabetizados fossem instruídos por aqueles que os tinham treinado numa profissão” (Karasch 297). Pode-se citar ainda as escolas informais criadas pelos próprios quilombos, o aprendizado adquirido juntos às igrejas, a transmissão de um escravo a outro daquilo que aprendiam com algum branco e, acredita-se, como ocorreu nos Estados Unidos, segundo Angela Davis (2016), através do depoimento da ex-escrava Jenny Proctor declarando que ela e as amigas pegavam as cartilhas *Webster* dos seus senhores e, nas madrugadas, às escondidas, tentavam compreendê-las, meio que um autodidatismo, e os que aprendiam ensinavam aos outros durante a madrugada às escondidas.

Pelo exposto anteriormente, no que concerne às formas de aprendizagem dos escravizados, pode-se afirmar que tanto os homens quanto as mulheres negras se preocupavam em adquirir o conhecimento ainda no período colonial e que eles e elas tinham consciência de que a educação era mais uma forte e eficiente arma que poderiam usar na luta contra a condição miserável em que viviam, embora já usassem outras como as revoltas, fugas, destruição de plantações, formações quilombolas etc. Esperança Garcia não foi a única, “o poeta afro-baiano Luiz Gama (1830-1882), e possivelmente, Luíza Mahin, provável mãe desse poeta, e outras raridades, que podem ser considerados casos excepcionais de quem aprendeu a ler ainda escravo” (Souza, n.d.).

A escravizada Esperança Garcia deixou impressa na carta a condição miserável da vivência dos negros e negras durante um dos períodos que talvez seja o mais cruel da história da humanidade, a escravidão, relatado pelas mãos daquela que sofreu três vezes o preconceito por parte do colonizador, por ser mulher, negra e escrava.

Outra voz dessa literatura afro-brasileira escrita por mulheres é Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense afrodescendente, autora da obra *Úrsula* (1859), que, segundo Eduardo Assis Duarte,

não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, poucos historiadores admitem. É também o primeiro romance da literatura afro-brasileira (Duarte *Primórdios*).

Autodidata, sua instrução fez-se através de muitas leituras – lia e escrevia francês fluentemente (Mendes 19).

Em 1847, com vinte e cinco anos, Reis vence concurso público para a Cadeira de Instrução Primária na cidade de Guimarães-MA, conforme registra Nascimento Moraes Filho (1957) [e] ao se aposentar, no início da década de 1880, funda, na localidade de Maçarico-MA, a primeira escola mista e gratuita do Estado e do País. (Maria Firmina *dados*)

Porém, essa importante voz da literatura brasileira foi emudecida por aqueles que buscaram retratar a historiografia literária do Brasil.

Esperança Garcia e Maria Firmina dos Reis são exemplos de que as mulheres afro-brasileiras lutaram ferrenhamente para adquirir o saber e usaram a escrita como uma arma na luta contra o silenciamento das mulheres afrodescendentes e o racismo



por elas sofrido. Porém, foram silenciadas por este sistema. E, depois delas, a luta continua ao longo dos séculos. Embora seja difícil encontrar registros sobre a educação dos negros no Brasil, já que foram, em sua maioria, apagados pelo sistema dominante, ainda assim pesquisas apontam que eles tiveram acesso à educação, em estilo formal, mesmo antes da Primeira República. “Alguns trabalhos levantaram informações sobre o Colégio Perseverança ou Cesarino, primeiro colégio feminino fundado em Campinas, no ano de 1860, e o Colégio São Benedito, criado em Campinas” (Cruz 28). Mariléia Cruz cita estudiosos que apontam a existência do Colégio São Benedito, criado em Campinas, em 1902, para alfabetizar os filhos dos homens de cor da cidade (Cfr. Maciel 1997; Barbosa 1997; Pereira 1999); ou aulas públicas oferecidas pela irmandade de São Benedito até 1821, em São Luís do Maranhão (Cfr. Moraes 1995). Cruz, citando pesquisadores da temática Negro e educação, declara que

Outras escolas são apenas citadas em alguns trabalhos, a exemplo da Escola Primária no Clube Negro Flor de Maio de São Carlos (SP), a Escola de Ferroviários de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e a promoção de cursos de alfabetização, de curso primário regular e de um curso preparatório para o ginásio criado pela Frente Negra Brasileira, em São Paulo (Pinto 1993; Cunha Jr. 1996; Barbosa 1997). Há também registro de uma escola criada pelo negro Cosme, no Quilombo da Fazenda Lagoa-Amarela, em Chapadinha, no Estado do Maranhão, para o ensino da leitura e escrita para os escravos aquilombados (Cunha 1999: 81). Negro Cosme foi um quilombola que se destacou como um dos líderes da Guerra dos Balaio, no Estado do Maranhão, entre 1838 e 1841. (Cruz 28)

Ainda conforme Cruz somente na segunda metade do século XIX é que se verifica uma maior participação dos negros nas escolas públicas oficiais do Brasil. Giane Elisa Sales de Almeida e Claudia Maria Costa Alves em seu artigo *Educação escolar de mulheres negras: interdições históricas* trazem informações relevantes sobre a educação de mulheres negras de Juiz de Fora, Minas Gerais, entre 1950 e 1970, através do depoimento delas. Das dez entrevistadas, “é possível perceber que somente duas delas não tiveram sequer os estudos primários e, na outra ponta, somente duas conseguiram concluir o ensino superior, uma delas tardiamente” (Almeida & Alves 85). No que diz respeito àquelas que não frequentaram a escola, pela leitura do artigo, observou-se que elas vieram da zona rural para “fazer companhia a crianças menores” (Almeida & Alves 90) pertencentes a famílias da cidade – que não se importavam com a educação dessas mulheres – e lá ficavam até construírem suas próprias famílias. O que se pode entender é que o trabalho as impossibilitava de ir à escola formal. “Estudava com os meninos [...] Fazia as contas [...] O nome, só” (Maria Conga 2008 *apud* Sales & Almeida 90). Tal realidade não difere muito daquela vivida por milhões de mulheres negras durante a escravidão e é um exemplo de que a abolição não se deu inteiramente e, por isso, mesmo muitos e muitos anos após o estabelecimento da lei Áurea no Brasil, ainda nos deparamos com situações que nos levam a crer que vivemos novas velhas formas de escravaturas. Pois, assim como as mulheres negras de Juiz de fora, os negros e negras escravizados eram também impedidos de acessar a escola e, somente, às vezes, eram alfabetizados pelos seus donos, quando estes queriam ou teriam algum proveito nisso, como colocado anteriormente.



Por analogia aos dias atuais, é possível afirmar que os negros brasileiros continuam a enfrentar dificuldades para adentrarem a escola, é o que aponta um Estudo feito pelo Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (Laeser), instituto ligado ao Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE-UFRJ): a taxa de analfabetismo entre os negros é maior do que o dobro entre a população branca. Dos 6,8 milhões de analfabetos em todo o país que frequentam ou tinham frequentado a escola entre 2009 e 2001, 71,6% são pretos e pardos (Taxa G12011), configurando a presença de novas velhas escravaturas, o que ocorre por falta de mais políticas públicas que os contemplem, ou por continuarem a viver em condições de muita ou extrema pobreza e, por isso, precisam escolher entre estudar e trabalhar.

Diante deste rápido panorama exposto acerca da aquisição da instrução escolar pelos afrodescendentes do Brasil, pode-se inferir que, mesmo nos contextos colonial/escravagista e após estes, eles buscaram instruir-se do conhecimento educacional, seja formal ou informalmente. Fato é que as pesquisas aqui apresentadas contradizem o discurso dominante de que os negros eram incapazes de atingir um nível intelectual que era esperado somente aos indivíduos pertencentes à “raça” branca. Tal panorama se faz relevante porque nos ajuda a compreendermos como as mulheres afro-brasileiras chegaram ao nível de produzir uma literatura própria e serem reconhecidas como escritoras frente à academia científica brasileira e não brasileira.

Para falar desta literatura afro-brasileira escrita por mulheres, apresentaremos os conceitos de algumas estudiosas de tal literatura. Para iniciar, vejamos o que diz Moema Parente Augel:

A mulher negra brasileira ao escrever tematizando ela mesma a sua própria experiência, seus próprios problemas, suas angústias, necessidades e desejos, explicitando, de uma forma ou de outra, as marcas deixadas pela escravidão, pondo à nua a discriminação racial e social sentidas na própria pessoa e nos que lhe são próximos, denunciando sexismo e machismo, questionando a ligação amorosa entre negros e brancos, a dependência econômica, a desigualdade social, a emancipação feminina, integrando o ficcional e o documental, a escritora afro-brasileira está prestando uma relevante contribuição para corrigir e rever os mitos e estereótipos que estigmatizam a mulher negra, recompondo-se como pessoa. (Augel 2018)

Com base nas palavras de Augel, é possível afirmar que mulheres negras brasileiras – como, por exemplo, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus etc. – escrevem para deixarem impressas suas vivências, bem como para denunciar os séculos de silenciamento, a agonia e as humilhações sofridas e, ainda, clamar por justiça. Através da escrita literária afro-brasileira, elas narram – a partir da sua ótica – suas histórias e, dessa forma, garantem a materialização bem como a conservação da memória das mulheres afrodescendentes do Brasil.

Para a professora e pesquisadora brasileira Ana Rita Santiago Silva (2013), tal literatura



se dimensiona, desse modo, pelas narrativas e textos poéticos com marcas de jogos de resistência, de experiências, afetos e desafetos, sonhos, angústias e histórias de mulheres negras. Nesse sentido, a escrita literária se justifica não apenas pela quebra da hegemonia e supremacia masculina, mas também pelo enfrentamento de representações depreciativas de repertórios culturais negros e de personagens femininas negras, pautadas em um passado histórico escravizado, com libido e virilidade exacerbadas e caracterizadas com um perfil subserviente. (Silva 178)

O enfrentamento a que Ana Rita Santiago Silva se refere é perceptível quando se observa que muitas escritoras afro-brasileiras buscam construir e apresentar novos perfis femininos à literatura brasileira, negando a imagem exótica, sensual, animalésca e demoníaca construída e legitimada pelo discurso hegemônico literário brasileiro e, dessa forma, deslegitimar tal discurso.

Heloisa Toller Gomes, pesquisadora brasileira, também tece suas considerações afirmando que a escrita das mulheres negras tem peculiaridades que a destacam dentro da própria literatura negra, ela funciona como uma ponte que liga as gerações passadas e futuras através da transmissão do saber e experiência dessas mulheres:

Nas mais diversas regiões das Américas, dos séculos escravistas aos dias de hoje, e manifestando-se principalmente na literatura poética, autobiográfica e ficcional, esta escrita de mulheres exhibe particularidades que a diferenciam e identificam dentro da própria literatura negra. [...] A escrita da mulher negra é construtora de pontes. Entre o passado e o presente, pois tem traduzido, atualizado e transmutado em produção cultural o saber e a experiência de mulheres através das gerações. Do mesmo modo, pontes entre experiências de autoras de diferentes idiomas e nacionalidade que possuem a paixão do narrar, a crença na compreensão através da palavra, em suma, na capacidade que tem a palavra de intervir. Assim, a palavra é por elas utilizada como ferramenta estética e de fruição, de autoconhecimento e de alavanca do mundo. (Gomes)

Pela afirmação de Gomes, pode-se declarar que nessa literatura os discursos dos personagens traduzem os pensamentos das autoras que discutem sobre a problemática das mulheres negras e trocam experiências diversas que são “resgatadas” e reunidas pela memória. Destarte, elas dialogam com o passado para criar alternativas positivas, visto que é necessário modificar o presente com o intuito de tentar mudar o futuro e reconstruir suas identidades.

Entre os problemas discutidos através dessa literatura está a representação pejorativa das mulheres negras no discurso literário oficial brasileiro, que as apresenta como escravas-corpos-objetos que servem apenas para procriar mais escravos e satisfazer os desejos sexuais animalescos do seu senhor. Ressalta-se que esta é uma visão distorcida da mulher negra, construída no período colonial escravagista pelo sujeito branco masculino racista e sexista.

Para Conceição Evaristo,

Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comisseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Na ficção, quase sempre, as mulheres negras urgem como infecundas e por tanto perigosas (Evaristo *representação* 53)



Fato é que os escritores da literatura oficial brasileira retiraram das mulheres negras o papel de mãe, de representante maternal da família afrodescendente. Dentre tais literatos a autora exemplifica como deturpadores da imagem das mulheres negras Gregório de Matos, Aluizio de Azevedo, em sua obra *O cortiço* (1890), Jorge Amado, em *Gabriela, cravo e canela* (1958), Bernardo Guimarães, em *A escrava Isaura* (1875), Jorge de Lima, em *Essa negra fulô* (1958), segundo Liliane Nogueira Monteiro. Escritores que vêm a corroborar a afirmação de Maria Consuelo Cunha Campos ao dizer que “o romance brasileiro oitocentista, em grande parte, ocupou-se em fixar lugares sociais e raciais de mulheres – índias, brancas, pardas e negras – segundo um projeto de nacionalidade hierarquizante e desigual” (Campos 3).

Fato é que surgem, à custa muita de luta, novas vozes na literatura brasileira que, agora, munidas da caneta e das memórias vivenciadas – as quais o colonizador não conseguiu apagar –, trazem à tona um discurso escrito que vai contradizer aquele que foi inscrito a partir das relações de poder, poder este que beneficiava somente uma classe, uma “raça” e a um gênero na sociedade, a saber, a elite branca masculina. Ressalta-se que tais vozes falam a partir do lugar de mulheres e negras pertencentes a uma classe da sociedade brasileira em que a maioria dos seus indivíduos é pobre. Mulheres que, na condição de sujeito da sua própria história, através da literatura, assumiram o lugar de escritoras e tentam se autorepresentar. E da mesma forma, contestam uma representação dominante, colonialista, racista e também sexista.

Todas essas ações são possíveis a partir do texto literário que atua como espaço onde são recriadas tais experiências, uma vez que

é na literatura enquanto espaço mnemônico que os autores negros recriam os mitos necessários para se enraizar como sujeitos autóctones. A reapropriação do espaço via memória, portanto, possibilita a colocação do afrodescendente na sua própria história. A renomeação do seu lugar e da sua história significa reconstruir sua identidade, tomar posse de sua cultura. (Walter 63)

Se o texto literário é o lugar onde a memória é reconstituída, ele é, do mesmo modo, o local a partir do qual muitas escritoras negras brasileiras atuam na luta pela igualdade racial, de gênero e de classe, usando a escrita literária como via de reconstrução de suas histórias, suas representações sociais e culturais.

Tal literatura apresenta o uso de uma linguagem despida dos “contratos de fala” dominantes que, realizado por mulheres negras, ganha sentido de insubmissão, como afirma Conceição Evaristo:

Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as “normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. (*apud* Duarte 275).



Pelo discurso de Evaristo no excerto anterior, pode-se reconhecer a literatura escrita por muitas mulheres negra como uma forma de empoderamento, posto que através dela “mulheres invisíveis” ganham voz e autoridade para denunciar os descasos do sistema dominante para com as classes e “raças” desprivilegiadas – o que pode ser explicado pelo sistema de colonização e escravidão que alicerçaram a construção da sociedade brasileira – e reivindicar direitos sociais quando, por exemplo, as escritoras invocam suas memórias para ficcionalizar situações reais vividas pelos negros e negras brasileiros hoje em dia, como faz Evaristo na obra *Becos da Memória* (2006).

Maria da Conceição Evaristo de Brito é de origem humilde, mineira, nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, em 1946. Na década de 1970 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e onde trabalhou como professora da rede pública de ensino. cursou o mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) e doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (2011).

A autora iniciou-se como escritora literária na década de 1990 como colaboradora dos *Cadernos Negros* e, desde então, vem se destacando cada vez mais de tal forma que já teve sua obra traduzida para diversas outras línguas no contexto internacional e já conquistou o tradicional prêmio da literatura brasileira, Prêmio Jabuti 2015. Concorreu a uma vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 2018, primeira mulher negra brasileira a conseguir isso, mas não foi contemplada. Sua obra é composta por romances, poemas e contos. São elas: *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da memória* (2006), *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *História de leves enganos e pareanças* (2016). Tais produções têm se tornado objetos de estudo de inúmeros pesquisadores brasileiros e de não-brasileiros, como Claire Willians. Porém, considerando o campo literário brasileiro, Evaristo é ainda uma escritora que se encontra às margens deste campo, uma prova disso é o fato de ter sido rejeitada pela ABL. Os motivos? Talvez pela condição de ser mulher, negra e descendente de escravizados, ou o fato de usar uma linguagem próxima da oralidade em seus textos, o que fere os moldes definidos pelo sistema literário dominante, ou, ainda, o fato de colocar como personagem e tema principais da sua obra o negro e sua cultura. Ou será porque ela seria a primeira mulher negra a ocupar um lugar na ABL e isso significaria uma grande ruptura no sistema da ABL? Fato é que Evaristo traz à tona uma literatura que vem a questionar o sistema literário brasileiro dominante.

No que diz respeito à obra *Becos da memória* (2006), Evaristo narra as tragédias vividas por seus personagens, os quais são vítimas do desfavelamento, mais uma injustiça social sofrida por eles e que é posta como problemática central da obra. Olhando para o passado e apoiada nas suas experiências e naquelas vivenciadas pela maioria dos negros no presente e tomando-as por base, a escritora analisa e (re)constrói ficcionalmente, a partir de uma visão crítica, tais experiências, e o que se percebe é que há muitas semelhanças.



Maria-Nova [...] lembrou-se da fome que passara desde o momento que nascera. A mãe sempre contava que a mamadeira dela era água e fubá, muitas vezes sem açúcar. [...] Muitas vezes ela se alimentava das sobras que vinham da casa das patroas da mãe e da tia. Dias havia que ficavam sem comer quase nada. [...] A mãe trabalhava tanto, assim como havia outros que trabalhavam demais. [...] A condição de vida era única, a indigência em grau maior ou menor existia para todos. (Evaristo *becos* 146)

A descrição da situação de fome experienciada por Maria-Nova e os demais negros narrada no trecho anterior lembra as narrativas que retratam o tratamento dado aos negros no período escravagista, principalmente a parte em que fica explícito que os negros se alimentavam, muitas vezes, dos restos de comida que vinham das casas dos patrões. Entende-se resto de comida como sendo lavagem, ou seja, comida para porcos, que não são seres humanos, indigentes, mesma condição dada aos negros e negras na escravidão.

Outra observação a fazer do excerto anterior é que as “patroas” nele citadas são brancas – “Ditinha olhou para a patroa [...]. Muito alta, loira [...]”(Evaristo *becos* 94) –, o que evidencia a semelhança da desigualdade existente entre mulheres brancas e negras durante a escravidão, em que aquelas eram patroas e estas escravizadas. Há também similitude no que se refere ao espaço habitado por cada uma dessas mulheres no período escravagista e hodiernamente: “Não era grande a distância entre a mansão da patroa e o barraco de Ditinha. O bairro nobre e a favela eram vizinhos”(94). As mulheres negras escravizadas entravam na Casa Grande (da patroa/zona nobre) para servir – lavando, passando, cozinhando etc. – e, depois de uma jornada de muito trabalho, retornavam à senzala (barraco/favela) para dormir, assim como faz Ditinha. É coincidência tamanha semelhança? A mudança se deu apenas na nomeação (de escrava para empregada, senzala para barraco/favela, casa grande para mansão/bairro nobre)?

No que se refere aos estereótipos negativos e positivos relacionados à aparência física da mulher branca e da mulher negra, nota-se que a autora faz uma crítica ao velho pensamento de que a primeira é provida de beleza enquanto a segunda não, fazendo lembrar que tal pensamento ainda permeia a sociedade atual:

Olhou-se no espelho e sentiu-se tão feia, mais feia do que normalmente se sentia. [...] (Ditinha detestava o cabelo dela). [...] Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das jóias. [...] Olhando e admirando a beleza de D. Laura, Ditinha se sentiu mais feia ainda. Baixou os olhos envergonhada de si mesma. (Evaristo *becos* 93-94).

A ideia de que a mulher bela é aquela que tem pele branca, cabelos lisos e loiros e olhos claros foi criada e disseminada pelo europeu no período colonial/escravatário e ainda permanece viva no imaginário social, o que faz com que muitas mulheres negras sofram por tal preconceito e se sintam como Ditinha. Prova disso são os concursos de beleza realizados no Brasil e no mundo que elegem, na maioria das vezes, mulheres brancas.

Pelas análises realizadas anteriormente, é possível dizer que a obra *Becos da memória* (2006) traz inúmeras situações que, embora fictícias, assemelham-se com a realidade vivenciada por grande parte dos negros brasileiros da atualidade e, da



mesma forma, com aquela experienciada por milhões de negros durante o período escravatório. Isso nos leva ao questionamento: Vivemos novas velhas formas de escravatura?

CONCLUSÕES PRÉVIAS

Diante do exposto neste artigo, pôde-se constatar que as mulheres negras brasileiras vêm, há séculos, lutando por igualdade racial, de gênero e de classe. Para isso, após alcançarem o saber, apoderaram-se da caneta e da escrita literária e, utilizando-se das artimanhas desta, ficcionalizam o contexto em que vivem os afro-brasileiros hodiernamente, criando personagens que narram seus modos miseráveis de vida e, aproveitando-se de suas vozes, denunciam o preconceito racial que persiste na sociedade brasileira com novas roupagens e, da mesma forma, o descaso das autoridades no que diz respeito a esta situação, muitas vezes desumana, em que vivem os afrodescendentes no Brasil. Com isso, escritoras negras brasileiras, como Conceição Evaristo, por exemplo, deixam evidente as velhas novas formas de escravatura que aprisionam a maioria dos negros brasileiros em favelas/senzalas, em sub-empregos, em situação de indigência, dentre outros. Assim, elas escrevem para continuar a combater as formas institucionais escravagistas da atualidade, que ainda se sustentam baseadas no racismo que se faz persistente na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, Giane Elisa Sales de Alves, e Claudia Maria Costa. "Educação escolar de mulheres negras: interdições históricas". *Revista Educação em questão*, Natal, v. 41, n.27 jul./dez. 2011, pp. 81-106. <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/viewFile/4003/3270>. Acesso em 30 março 2018.

Augel, Moema Parente. "E Agora Falamos Nós': Literatura Feminina Afro-brasileira", *Revista Literafro*, 2018. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/157-moema-parente-augel-e-agora-falamos-nos>. Acesso em 13 março 2018.

Bastos, Maria Helena Camara. "A educação dos escravos e libertos no Brasil: vestígios esparsos do domínio do ler, escrever e contar (Séculos XVI a XIX)". http://sfbct.unimc.it/it/documentihome/materialinews/dispensa4_bastos. Acesso em 29 dezembro 2018.

Campos, Maria Consuelo Cunha. "Representações da mulhernegranaliteraturabrasileira". <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/Maria%20Consuelo%20Cunha%20Campos.pdf>. Acesso em 25 abril 2018.

Cruz, Mariléia dos Santos. "Uma abordagem sobre a história da educação dos negros." Romão, Jeruse (Org.), *História da educação dos negros e outras histórias*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.



Cuti, Luiz Silva. *Literatura Negro-Brasileira*. Selo Negro, 2010.

Davis, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. Boitempo, 2016.

Del Priore, Mary. *A mulher na história do Brasil: raízes históricas do machismo brasileiro; a mulher no imaginário social; lugar de mulher é na história*. Contexto, 1989.

Duarte, Eduardo de Assis. "Literatura afro-brasileira: um conceito em construção". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4846151.pdf>. Acesso em 16 junho 2015.

---."Por um conceito de literatura afro-brasileira". Ferreira, Elio – Bezerra Filho (Org.). *Literatura, História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: memória, identidade, ensino e construções literárias*. vol. 1, EDUFPI: FUESPI, 2013, pp. 27-29.

---."Por um conceito de literatura afro-brasileira". <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em 4 março 2018.

---."Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira". <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/317-maria-firmina-dos-reis-e-os-primordios-da-ficcao-afro-brasileira-critica>, Acesso em 05 maio 2018.

Evaristo, Conceição. *Becos da memória*. Mazza Edições, 2006.

---. "Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira". *Revista dos Palmares*, 2005. <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em Março 2018.

Gomes, Heloisa Toller. "'Visíveis e invisíveis grades': vozes de mulheres na escrita afrodescendente contemporânea". *Revista Literafro*. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/526-visiveis-e-invisiveis-grades-vozes-de-mulheres-na-escrita-afro-descendente-contemporanea-heloisa-toller-gomes>. Acesso em 4 março 2018.

"Maria Firmina dos Reis: dados biográficos". *Literafro*. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>. Acesso em 28 dezembro 2018.

Melo, Marilene Carlos do Vale. "A figura do griot e a relação memória e narrativa". Lima, Tânia - Nascimento, Izabel; Oliveira, Andrey (Orgs.), *Griots – culturas africanas: linguagem, memória, imaginário*. Lucgraf, 2009.

Mendes, Algemira de Macêdo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006. <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4207#preview>, Acesso em Março 2018.

Silva, Ana Rita Santiago. "A literatura de escritoras negras: uma voz (des) silenciadora emancipatória". <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/viewFile/1264/1100>, Acesso em 04 março 2018.

Souza, Elio Ferreira de. "A carta da escrava Esperança Garcia de Nazaré do Piauí: uma narrativa testemunho precursora da literatura afro-brasileira". <http://www.letras>.



ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/criticas/ArtigoElioferreira1cartaesperancagarcia.pdf, Acesso em 05 março 2018.

"Taxa de analfabetismo entre negros é maior, aponta relatório". *G1. Globo*, 19 abril 2011. <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/04/taxa-de-analfabetismo-entre-negros-e-maior-aponta-relatorio.html>, Acesso em Dezembro 2018.

Walter, Roland. *Afro - América: Diálogos Literários na Diáspora Negra das Américas*. Bagaço, 2009.

Williams, Claire. "Tracing Back Trauma: the legacy of slavery in contemporary afro-brazilian literature by women". *Angelaki: journal of theoretical humanities*. 22.1, 2017, pp. 103-122.

Fabiana dos Santos Sousa cursa o doutoramento em Materialidades da Literatura na Universidade de Coimbra (UC/Portugal). Estudou mestrado em Letras-Literatura pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Piauí (UESPI/Brasil). Cursou *Especialização em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)* pela Universidade Federal do Piauí (UFPI/Brasil). Cursou *Especialização e em Letras: Português e Literatura* pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá (FIJ/Rio de Janeiro/Brasil). Tem experiência de trabalhos com a Educação Básica e Educação Superior e Pós-graduação.

fabianafagnifica@yahoo.com.br